

adieu

seguido
de
magdalena

J A I M E
S A L A Z A R
S A M P A I O



CRONOS / TEATRO
centro cultural do alto minho

JAIME SALAZAR SAMPAIO



ADIEU!

A propósito

Seguido de

MAGDALENA



centro cultural do alto minho
CRONOS / TEATRO
1992

Do absurdo no teatro português...

Quem quer que se interesse pelo desenvolvimento do teatro português não pode, se estiver atento, deixar de saudar esta iniciativa da Oficina de Literatura do Centro Cultural do Alto Minho de abrir, nas suas excelentes edições, uma colecção de textos de teatro de autores portugueses. Trata-se de uma atitude exemplar, infelizmente rara no panorama editorial do nosso país.

O desenvolvimento da actividade teatral, sabe-se que é assim, caminha de par com o nível quantitativo e qualitativo da produção literária dramática. E para que esse desenvolvimento seja possível, duas condições têm que se verificar, no que à literatura dramática se refere - uma, que essa produção saia das gavetas e possa ver a luz do dia em letra de forma, ser lida e estudada, criticada ou apreciada; outra, que essa produção passe, e ultrapasse, a prova do palco e do confronto, não apenas com o leitor, mas também com o espectador.

Como se sabe, essas duas condições não se têm verificado no nosso país com a frequência (quantitativa e qualitativa) que o teatro nacional(todo o nosso teatro, e não o edifício do Rossio) necessita.

No plano editorial, e exceptuando-se as iniciativas editoriais da

Sociedade Portuguesa de Autores, toda a restante publicação de textos de literatura dramática de autores portugueses contemporâneos é um acto esporádico é muitíssimo insuficiente, de há muitos anos a esta parte.

Nos palcos, a situação não é melhor. A criação de textos de autores portugueses contemporâneos é francamente diminuta. Vejamos: de 1974 a 1988 (de 25 de Abril a 31 de Dezembro, respectivamente) foram apresentadas, por companhias profissionais, 97 peças de 32 autores portugueses do século XX; no mesmo período, essas 49 companhias apresentaram 94 peças de 17 autores portugueses anteriores ao século XX. Não dispomos de dados sobre a totalidade da produção teatral portuguesa no decurso desses 15 anos de actividade; mas se considerarmos uma média de 1 produção teatral por companhia, teríamos um total de 765 produções teatrais.

Assim, e na melhor das hipóteses, a produção teatral com base em textos de autores portugueses clássicos e contemporâneos corresponde a um quarto do total da produção teatral global. Situação, portanto, totalmente absurda:

- não se publicam os textos dos nossos dramaturgos, nem sequer aqueles que são premiados

- esses textos, na sua esmagadora maioria, envelhecem nas gavetas, sem conhecerem as realidades para que foram concebidos - o livro e o palco

- os poucos que conseguem romper as numerosas barreiras, (culturais e políticas é bom que se diga), são sistemática e estranhamente olhados de forma sobranceira por quem, no restrito círculo teatral, faz opinião, numa atitude que, pelo menos, denuncia um autêntico "parti-pris" de cariz provinciano

- o poder político nada faz para a implantação de uma clara política de apoio à criação, divulgação e produção de textos de autores portugueses contemporâneos, excepto umas quantas piedosas declarações de intenção e outras tantas iniciativas de fachada.

Tudo isto como se algum teatro nacional se pudesse desenvolver sem os textos dos seus autores, ou sobretudo contra eles.

... a um teatro do (ir) real quotidiano

Estas reflexões, se calhar estes desabafos, vêm a propósito da publicação do primeiro volume desta nova colecção teatral. Este "Adieu!" de Jaime Salazar Sampaio, além de ser o primeiro volume desta colecção, (com outro texto, "Magdalena", de certo modo anunciador do "adeus") é a última criação teatral da Oficina de Teatro do Centro Cultural do Alto Minho, estreada em Dezembro do ano passado, e na qual tive o imenso prazer de participar.

Foi a primeira vez que, como encenador, me confrontei com um texto de Salazar Sampaio e, desde o início do trabalho, procurei desmontar algo que muitos dão como adquirido: a filiação do teatro do autor no chamado teatro do absurdo.

"Adieu!" traz-nos quatro personagens em busca da memória afectiva do passado num presente povoado de equívocos, de violência e de solidão. Trata-se, em meu entender, de um combate a quatro. Combate ora surdo ora explosivo, umas vezes suave outras violento, que se desenvolve através de dois pólos de constante tensão: o absurdo do quotidiano e o pesadelo do real.

Combate que tem como local único, privilegiado, de acção um espaço fechado, quase que diria hermeticamente, e que vai trazendo para esse combate um progressivo horror ao vazio.

Este vazio é, porém, cruamente concreto nos seus materiais (os talheres, o fogão, os electrodomésticos, a mesa, os bancos), nos seus cheiros (ovos mexidos), nos seus ruídos (os talheres no chão), na sua discreta e difusa luminosidade.

Na leitura que realizei de "Adieu!" procurei tornar o espectador, mais do que testemunha do vazio, cúmplice do combate que se desenvolve dentro daquelas quatro paredes. Também porque é tempo de tornar os públicos/testemunhas oculares em cúmplices do desenvolvimento do teatro português. Em Viana do Castelo, com este "Adieu!", senti essa cumplicidade.

José Martins

Janeiro de 1991